

Um golpe de milhões

POR JOÃO CARLOS DREYER

FOZ DO IGUAÇU (na sucursal) - Um golpe digno das estórias de ficção policial de Conan Doyle, com investigações de Sherlock Holmes. Pelo menos assim se estabelece o quadro do desaparecimento de Rubens Rodrigues, gerente da agência Banestado/Ceasa em Foz do Iguaçu. O pacato gerente de 41 anos de idade, há 19 anos funcionário do Banestado, está ligado a um golpe que já supera qualquer escândalo financeiro ocorrido nas "Três Fronteiras". O montante, segundo se sabe, supera 20 milhões de cruzados em Foz do Iguaçu e aproximadamente 6 milhões de dólares em Presidente Stroessner, no Paraguai. A fraude foi aplicada em mais de 15 empresários iguaçuenses, e um número ainda não preciso de paraguaios.

O DESAPARECIMENTO

Rubens Rodrigues entrou em gozo de férias no dia 5 de janeiro, por um período de 35 dias, devendo retornar em 9 de fevereiro. Naquele dia, apresentou-se ao trabalho, desempenhando suas funções normalmente. Ao final da tarde, retirou-se, sendo a última vez que foi visto.

AS INVESTIGAÇÕES DO BANCO

Um conhecido empresário de Foz do Iguaçu, com seu nome mantido em sigilo, no mês de janeiro, durante as férias de Rubens Rodrigues, esteve em Curitiba efetuando a denúncia junto a direção do Banestado, das transações ilícitas que o gerente desenvolvia na agência. Imediatamente foram designados para o serviço o inspetor Augusto Moreira e o supervisor regional Luis Frare. Quando Rubens retornou das férias, estes já mantinham uma cuidadosa auditoria na

agência, fato que assustou o golpista, fazendo com que entrasse em fuga.

Segundo Luis Frare, os clientes da agência nada tem a temer, pois os serviços continuam normalmente.

O supervisor afirmou que desenvolvem uma rigorosa fiscalização de documentos, procurando vestígios que incriminem o gerente. Admitindo que o próprio banco foi lesado, Frare insiste em afirmar que as transações foram feitas totalmente sem a participação oficial do banco.

OS GOLPES

Ainda não se sabe o montante exato do dinheiro desviado por Rubens Rodrigues, mas as transações eram feitas de duas formas:

- com os clientes tradicionais da agência, os quais, muitas vezes apressados, deixavam em poder do gerente vultosas somas para depósitos, e posterior-

mente buscavam o recibo. Utilizando do chamado "cheque elástico", talonários de cheques pertencentes a pessoas mortas ou desaparecidas, Rubens efetuava o depósito emitindo um cheque frio. Com isto, fechava duas lacunas, ou seja, obtinha o recibo de depósito e, ao mesmo tempo, conseguia manter a conta do depositante com saldo positivo por alguns dias. Assim, formou uma "bola de neve", sempre capitalizando a seu favor.

- com agiotas que, na ambição de ganharem um pouco mais que os juros normais do mercado, repassavam altos valores para o gerente. Este concedia empréstimos a terceiros, sem envolver documentação bancária, apenas na base do cheque pré-datado. Os donos dos valores recebiam, como garantia, um cheque do próprio Rubens Rodrigues. Outra bola de ne-

ve que se formou. No Paraguai, as transações foram feitas com casas de câmbio, através de grandes investimentos cambiais, todos com o dólar paralelo.

OS ENVOLVIDOS

A quadrilha de golpistas, aos poucos vai se formando. Além de Rubens Rodrigues, já se sabe que a funcionária do Banestado/Ceasa, Marisa Ruiz, de 24 anos, também está desaparecida. Teria fugido junto com Rubens. Outro que ainda não foi localizado, e que não existe provas de seu envolvimento, é um dos irmãos de Rubens, Rudiney Rodrigues. Mas as investigações atravessam fronteiras. Em Florestópolis, município ao Norte do Estado, um primo de Marisa, ainda não identificado, funcionário da prefeitura daquela cidade, também desapareceu.

O ENVOLVIMENTO DA LEI

Enquanto surge um

emaranhado de fatos, até a tarde da última 6ª feira nem a Polícia Civil e tampouco a Federal haviam recebido qualquer queixa crime contra os envolvidos, o que torna a situação ainda mais confusa. As pessoas lesadas que dispõem de algum documento estão procurando diretamente a Justiça, na tentativa de recuperar o prejuízo através da execução de bens de Rubens Rodrigues.

SUPOSIÇÕES

Pela semelhança de nomes, e talvez até parentesco, alguns investigadores estão ligando o nome de Rubens Rodrigues a Ilo Rodrigues, engenheiro agrônomo desaparecido em 27 de dezembro de 1986, ex-chefe do escritório regional do Ministério da Agricultura em Foz. Ilo teria decolado com seu avião do aeroclube, e nunca mais foi visto. Nas investigações do Salvaero, não foram encontrados vestígios

de acidente. Suposições e controvérsias, a verdade é que existem muitos fatos que coincidem no relacionamento de ambos, o que deixa tudo ainda mais obscuro. Vejamos:

- Ilo Rodrigues era cliente da agência Banestado/Ceasa, apresentando muita afinidade de relacionamento com o gerente Rubens Rodrigues;

- Segundo comentários, quando Ilo desapareceu, sua conta naquela agência bancária estava a descoberto em mais de 150 mil cruzados;

- Ilo teria feito um empréstimo (pessoa física) no Banco Real no valor de 1 milhão de cruzados para pagamento do avião que adquiriu. Os avalistas seriam Rubens Rodrigues e Jorge H. Sitjar (paraguaio);

- Outro empréstimo, no Banco Real, em nome de Jorge H. Sitjar, no valor de 850 mil cruzados, teria sido avaliado por Ilo e Rubens;

- A troca de telefones e telefone instalado na residência de Rubens está registrado na Telepa em nome de Ilo Rodrigues, bem como o terminal ligado na residência deste último, é registrado no nome do primeiro.

Estas coincidências evidenciam um relacionamento muito próximo entre ambos, mas nada prova que haja um envolvimento financeiro, ou até mesmo num golpe financeiro.

AS PISTAS

Os investigadores envolvidos no caso, a maioria sendo pessoas lesadas no golpe, possuem três pistas do paradeiro de Rubens e, talvez, do restante da quadrilha. A primeira informação, diz que o golpista teria seguido para o interior de Mato Grosso. Já existe inclusive um endereço, que não foi divulgado. A segunda pista, informa que Rubens estaria no Pará, numa grande mineração. E a última pista afirma que Rubens Rodrigues teria seguido viagem, juntamente com Marisa, para Caracas, na Venezuela. Lá, iria se encontrar com Ilo Rodrigues.

AS AMEAÇAS

Estes fatos, que pouco a pouco vão surgindo, implodem completamente uma quadrilha que pode estar envolvida com uma diversificada gama de transações ilícitas, como o contrabando e tráfico de entorpecentes. As pessoas envolvidas no golpe já estão recebendo ameaças de morte, caso falem abertamente. Com isto, todos procuram falar pouco e ouvir muito, como num verdadeiro caso de ficção.

Envolvidos pelo medo do escândalo, a grande maioria dos lesados está procurando se manter no anonimato, até mesmo para evitar perseguições. Mesmo assim, além de alguns empresários que se manifestaram, pois seus valores até agora perdidos ultrapassam em 1 milhão de cruzados de cada um, sabe-se que existe um grande número de funcionários da Itaipu Binacional que estão optando pela perda do dinheiro, para não verem seus nomes citados.

A LUTA PARA REAVER A PERDA

As pessoas lesadas em maior vulto financeiro, no decorrer da semana, tentaram de todas as formas penhorarem os bens de Rubens Rodrigues. Mas a oferta está muito menor que a procura. Rubens possui em seu nome apenas um apartamento na rua Naipi, Edifício Rio Paraná, ap. 12, e dois automóveis. Estes veículos desapareceram, e o valor do imóvel cobriria apenas o crédito de um dos lesados, e assim mesmo com valor pequeno.